**PREFÁCIO**

# A formação do professor para a formação de leitores

# Teacher formation for reader formation

**Zoara Failla**[1]

São muitos os desafios para se melhorar os baixos índices de leitura entre os nossos jovens, mas, sem duvida, depositamos na escola a principal responsabilidade pelas deficiências na formação leitora, e, no professor, a expectativa de que seja o agente transformador dessa triste realidade.

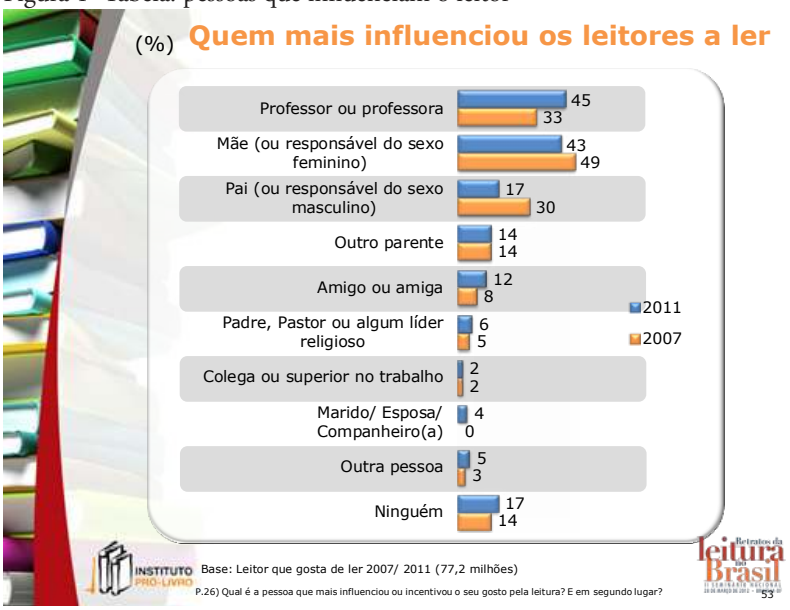
As famílias também têm um papel importante na valorização do livro e da leitura, como revela a Retratos da Leitura (quadro abaixo). Entre aqueles que declararam gostar de ler, 43% informaram que foi a mãe, e, 17% o pai, quem despertou esse interesse; enquanto, 45% declararam que o professor foi o principal influenciador. Esses números mostram que a família tem papel tão importante quanto o professor nessa formação.

Mas, o perfil da família brasileira - com baixa escolaridade, sem acesso a bens culturais, sem livros em casa e que não é leitora - tira desse agente a possibilidade de promover de forma lúdica e prazerosa esse primeiro contato, com os livros e a leitura, que fica no imaginário e na memória afetiva das crianças que têm o privilégio de terem pais que leem para elas.

Frente a essa importante lacuna, a escola passa a ter um papel essencial na valorização e na promoção da leitura de forma a garantir esse direito a crianças e jovens. Cabe a ela também as condições essenciais para a leitura: o letramento; a competência leitora e o acesso aos livros; e, a melhoria nos indicadores de leitura dos jovens estudantes.

[1] Mestre em Psicologia Social (PUC-SP). Coordenadora da área de projetos do Instituto Pró-Livro (IPL).

Figura 1- Tabela: pessoas que influenciam o leitor




Fonte - Retratos da leitura no Brasil 3 (2012)

Segundo a 3ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pro Livro, em 2011 – os indicadores de leitura revelam que 80% dos adolescentes leem principalmente para cumprir uma exigência escolar e leem pouco literatura: dos 24.3 milhões de jovens na faixa etária de 11 a 17 anos, somente 4.8 milhões informaram terem lido literatura espontaneamente, enquanto, 6.5 milhões não leram nenhum livro, em um período de três meses[1] . Infelizmente, as condições que as políticas públicas garantem para que as escolas e os professores cumpram esse papel fundamental não são suficientes ou efetivas para suprir as muitas e diferentes lacunas para que esses agentes consigam cumprir minimamente esse seu papel.

**Mas, vamos aqui olhar para os professores ...**

O que falta para que eles consigam desempenhar bem seu papel de formador de leitores na escola? Algumas perguntas básicas nos ajudam nesse diagnóstico:

- Ele esta preparado para desempenhar bem esse papel?

- É leitor? Como foi a sua formação como leitor?

- O que lê e gosta de ler? Tem acesso aos livros que gostaria de ler?

- Tem tempo para a leitura?

- E, na escola, consegue tempo para desenvolver práticas leitoras?

- Na biblioteca encontra os livros que gostaria que seus alunos lessem?

São perguntas básicas, mas, talvez, de difícil resposta no cenário que encontramos nas escolas brasileiras. Entretanto, explicam os principais problemas que encontramos para uma formação leitora exitosa. Entre eles, identificamos, provavelmente, o principal: a ausência do ***professor leitor*** nas escolas brasileiras.



Regina Zilberman, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora nas áreas de literatura infanto-juvenil e formação de leitores, em entrevista para a *Revista Escola Pública*, em Novembro /14, disse que os educadores, como os brasileiros em geral, demonstram dificuldades para adquirir e manter o hábito da leitura. Para ela, mesmo os professores de literatura e da área da língua portuguesa nem sempre são leitores frequentes. "Eles têm uma intermitência de leituras por várias razões, que não são irrelevantes: falta de tempo, falta de oportunidade, uma má formação como leitor."(CHARÃO, 2014).

Se analisarmos uma pequena amostra, em separado, das respostas dadas por entrevistados que se declararam educadores na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2011), verificamos que o perfil desses professores entrevistados é muito semelhante ao do leitor brasileiro, confirmando a análise de Zilberman. Embora a amostra seja pequena, o que impede generalizações e requer que seja analisada com ressalvas, o esboço revelado é preocupante, especialmente por que, o professor aparece na pesquisa como o principal influenciador do interesse pela leitura. Só 30% deles dizem que gostam de ler, conforme os dados que reproduzimos abaixo:

Declararam-se educadores - 145 entrevistados. Destes:

13 declaram que não gostam de ler;

38 que gostam um pouco;

94 que gostam muito.

Ao serem interrogados sobre o que fazem em seu tempo livre (1ª opção), colheram-se os seguintes dados:

78 preferem assistir televisão;

45 acessar redes sociais;

03 declaram que preferem ler.

Sobre a preferência quanto à leitura:

87 leem jornal com frequência;

31 leem livros;

07 escutam áudio-livro;

03 leem revistas;

03 leem livros digitais.



Os livros e autores mais citados seguem a população em geral:

27 entrevistados não lembram ou não leram nenhum livro;

entre os 118 que indicaram algum título, os mais citados foram: a **Bíblia** (10**); A Cabana** (7) e **Ágape** (7).

Os autores mais citados foram: Padre Marcelo (7); Augusto Cury (4); Zíbia Gaspareto (3) e José de Alencar (2);

Não citaram nenhum autor: 73.

Esses resultados confirmam que o professor brasileiro, em sua grande maioria, não é leitor. Se o professor não é leitor ele terá muita dificuldade para despertar o interesse pela leitura e formar leitores. Provavelmente, uma das principais explicações para esse perfil é, por um lado, a deficiência na sua formação universitária, e, por outra, sua origem familiar.

**A Formação do Professor**

A formação do professor de português e de literatura é, talvez, o principal problema a ser encarado, e, nos leva a perguntar como as universidades estão formando esses professores. Também aqui o desafio é grande, pois esse professor em formação tem uma origem social muito próxima dos seus futuros alunos, na escola publica. A grande maioria vem de famílias de baixa escolaridade, que não eram leitoras e com pouco acesso a bens culturais, em especial, ao livro.

Esse futuro professor não foi despertado para o prazer da leitura. Leu muito pouca literatura por iniciativa própria e seu

repertório de leitura é bastante limitado. Seu contato com a literatura, em boa parte das universidades brasileiras, esta orientado, principalmente, para conhecer os períodos e escolas literárias, em geral começando pelo modernismo e sobrando pouco tempo para os contemporâneos. Não se desenvolvem práticas para desvendar a riqueza, ou a arte, nas construções e narrativas dos autores dessas obras literárias.

Muitas vezes, como identificou a pesquisadora Gabriella Rodella de Oliveira, mestre em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, esses professores são os primeiros, na família, a cursarem uma faculdade. Os dados foram colhidos em estudo quantitativo com 87 professores, que responderam um questionário sobre hábitos de leitura e práticas docentes; publicado em *O Professor de português e a literatura*, com apoio da FAPESP. Cumprem, em geral, no horário noturno, a carga horária do curso de graduação, "driblando" com a carga horária do trabalho. Nessas condições, resta pouco tempo para estudar e, muito menos, para ler ficção ou literatura, que não seja por exigência acadêmica.



Contudo, há outras limitações na formação desses professores. Eles não são despertados para atuarem como protagonistas no acesso ao conhecimento, na critica e na construção de um saber autônomo. Também não há espaço, e tempo, para as praticas e para o exercício pedagógico. Poucos conseguem superar essa formação "bancaria", essa dependência de programas prontos ou da repetição daquilo que vivenciaram, ou, leram em apostilas. A pesquisa não é estimulada. O conhecimento, em quase todas as áreas, é "pasteurizado". Não se busca construir um conhecimento autônomo e critico. Não se vai à "fonte", mas leem-se resenhas e criticas de grandes teóricos e teses.

Essa passividade no acesso e na construção do conhecimento limita, também, a criatividade na busca da produção de praticas mobilizadoras, na leitura do contexto e na capacidade de identificar alternativas, usar tecnologias e novos conteúdos para preparar uma aula ou pratica que seja mobilizadora e que traga novos conteúdos.

Esses futuros professores apresentam dificuldades para analisar conteúdos ou textos literários de autores contemporâne-

os ou que não tenham sido trabalhados em seu curso, o que os leva a buscar programas prontos ou repetir o que conhecem, em especial, estudos que lhes foram apresentados sobre obras mais tradicionais, clássicos ou canônicos. Essa ausência da análise crítica sobre a construção literária limita sua percepção sobre toda a beleza e riqueza de construção dos personagens, da relação entre o contexto histórico da época e o estilo e escola literária, a construção da narrativa e da literatura enquanto arte. Passa a ser uma leitura da história.

Outra orientação que acaba limitando o ensino da literatura é a dependência dos vestibulares e ENEM. As avaliações sobre os resultados em vestibulares levam a definir programas baseados nas obras e perguntas que são mais frequentes. Estudam-se questionários e respostas. Não se lê mais as obras, nem mesmo, os clássicos ou autores do modernismo, que são os mais frequentes na lista dos perguntados. O pior, esta havendo uma redução no numero de questões sobre literatura, o que reduz seu peso na avaliação global, e, certamente vai contribuir para que se dedique muito menos tempo para seu estudo.



**Como reverter essa situação?**

É urgente mudar esse cenário sob o risco de as próximas gerações serem excluídas do direito a descobrirem a literatura. Sofrerão uma exclusão perversa pois estarão alheias ao que não lhes foi oferecido.

Se concordarmos que a leitura e a literatura são fundamentais para uma formação plena, para a humanização e para a aprendizagem e o desenvolvimento de competências leitoras, de pensar, de argumentar e de imaginar, entre outras habilidades; concordamos, também, que é urgente encarar o desafio de superar as lacunas na formação de professores formadores de leitores.

Sabemos que as dificuldades crescem na proporção em que a tecnologia e a cultura digital invadem os espaços da leitura e da escrita. Novas formas de comunicação interativa e de produção de textos e narrativas, em novos suportes e construção colaborativas e compartilhadas, atraem e consomem todo o tempo dessa geração, mas, afastam os jovens da leitura solitária dos livros. O desafio será maior se, esses mesmo professores não estiverem

preparados para usar essa tecnologia e cultura digital como aliada, como meio e estratégia para levar e trazer esse jovem para a literatura.

Esse é mais um desafio à formação desse professor, o uso pedagógico da tecnologia digital e das redes sociais, como ferramentas da aprendizagem colaborativa.

Se o aparelho formador do professor é o principal problema e, se, sua transformação não deve ocorrer no tempo dessa urgência, necessitamos investir em ações "compensatórias" ou que possibilitem "salvar" esse professor e ajudá-lo a superar as lacunas na sua formação para que consiga enfrentar o desafio de formar leitores em um ambiente e cenário tão adversos.

Afinal, para ensinar seus alunos a gostar de ler, um professor precisa de que?

Principalmente, como já falamos, o professor precisa ter lido e gostar de ler. Nesse sentido, pé necessário que:

- Seja um leitor frequente e atualizado e ter um bom repertório de livros lidos para poder escolher qual indicar para aqueles alunos ou aluno. E, principalmente, precisa ter lido o livro que vai indicar.

- Tenha acesso ou dispor de material de leitura apropriado para a faixa etária e perfil da sua turma. É importante considerar que não basta ser um livro adequado à faixa etária, pois, o gênero (garotos ou garotas); a origem; o local onde moram, se área rural , pequenas cidades, comunidades ou metrópoles e a trajetória desses jovens; certamente despertam diferentes interesses por gêneros e temas .

- Adote uma estratégia para apresentar esse material aos alunos de forma atraente e significativa.

- Disponha desse livro em acervo da biblioteca escolar ou da cidade.

**Desafios para a formação leitora do professor**

O primeiro desafio é, portanto, promover a leitura para superar as lacunas na sua formação leitora. Se, a universidade não esta dando conta dessa formação, como já falamos, é preciso lançar mão de estratégias possíveis, em nosso limitado contexto, voltadas, não ao aperfeiçoamento continuo, mas, à complementação

da formação desses professores.

Talvez, primeiro, seja necessário reconhecer quais são essas dificuldades ou lacunas. Uma pesquisa (ou levantamento) com os professores pode ajudar, por um lado, a identificar as dificuldades, e, principalmente, pode reconhecer que elas são comuns à grande maioria dos professores. Deve contribuir para superar alguns mitos, como o de que todo o professor de línguas ou de literatura deve gostar e saber orientar a leitura dos cânones ou dos clássicos. Reconhecer e expressar essa limitação ou o desinteresse pela literatura será fundamental para mostrar que essa dificuldade é compartilhada pela maioria dos professores brasileiros e que é fruto da formação universitária deficiente. Será mais fácil a superação se a dificuldade for percebida como um desafio a ser enfrentado por todos e que devem ser buscadas estratégias e um plano comum, de fácil realização, a partir das condições que a escola e comunidade oferecem.



As estratégias podem ser muito semelhantes às que podem dar certo com os estudantes, mas, nesta ação, o professor, ao mesmo tempo em que atua como mediador e pesquisador, assume o papel de coordenador e fomentador das atividades, sendo sujeito dessa aprendizagem, e, ao mesmo tempo, autor dessas estratégias. Algumas das estratégias de que o professor pode lançar mão são:

Ser criativo e aproveitar o que já existe na escola, envolvendo professores e alunos nas atividades e projetos;

Viabilizar o acesso e a escolha dos livros pelos alunos e garantir um espaço (mesmo que no fundo da sala) e um tempo para a leitura;

Promover o intercambio sobre as experiências de leitura e sobre livros lidos (entre professores/comunidade da escola e entre alunos), usando as redes sociais ou rodas de leitura;

Promover a mediação para apresentar autores e livros e criar momentos para que a leitura seja praticada de forma prazerosa e significativa.

Pode ser, ainda, útil:

Explorar o acervo da biblioteca da escola ou da biblioteca publica, para descobrir títulos interessantes, segundo gênero e indicação para faixa etária etc, com a ajuda de bibliotecários locais, para montar um programa de leituras.

Convidar autores da região para conversa com alunos e professores.

Promover Concursos ou Olimpíadas de literatura, com professores e alunos.

Desenvolver projetos interdisciplinares envolvendo livros que tratam de temas de outras disciplinas. Teatro baseado em livros de literatura.

Criar um jornal/blog/grupo literário – em meio impresso ou digital, com resenhas preparadas pelos professores e dicas de leituras.

Promover visitas a feiras de livro, com professores e alunos.

Buscar programas oferecidos pelo governo ou ONGs, para conseguir apoio e patrocínio à: acervos para bibliotecas, projetos de formação e promoção da leitura, premiação e campanhas de valorização de professores.

Buscar patrocínio em empresas (Lei Rouanet ou outros programas) ou mobilizar prefeitura, para implantar políticas ou planos (municipais) do livro e leitura, prevendo vale livro para professores e eventos de promoção do livro e leitura, como feiras, saraus etc.



**Quais livros indicar?**

Ainda outro desafio importante é a escolha dos livros que vai indicar para seus alunos. Para além da lista dos clássicos, é preciso ter um repertório de livros lidos e conhecidos para essa escolha e para despertar o interesse para a sua leitura. Certamente não será tarefa fácil se o professor não for leitor e se não leu os livros que vai indicar. Optar pela lista de livros indicados em vestibulares ou aqueles que foram indicados na universidade e aplicar os questionários de verificação sobre a leitura e o autor, pode ser o caminho mais fácil, mas, certamente, o mais limitador para despertar o interesse pela literatura.

Também aqui, o melhor é reconhecer as limitações e propor uma pesquisa conjunta. Buscar em *blogs* de literatura, em artigos e outras publicações, hoje, tão facilmente encontradas na *web.* Mediar a escolha e fazer a leitura junto, para discutirem em rodas de leitura. Em paralelo, pesquisar para trazer mais informações sobre o autor, os personagens, critica literárias etc. Certamente

será muito produtivo e muito melhor do que não possibilitar essa descoberta aos seus alunos por que somente conhece uma listinha guardada no papel.

**Difícil acesso**

Em muitas cidades, a dificuldade de acesso ao livro é grande, pois não há bibliotecas e livrarias próximas. A aquisição via internet, hoje, é muito facilitada, mas os salários limitam o poder de compra dos professores.

É preciso mobilizar a prefeitura e bibliotecas da região para ampliar e atualizar seus acervos, considerando um acervo voltado aos professores, além de promover feiras de livros e vales livros para os professores. Ademais, é importante lembrar que inúmeras obras (domínio publico e outras), podem ser baixadas gratuitamente pela internet (FBN/MINC).



**Interesse pela leitura**

São muitos os desafios para se conquistar leitores, mas, se o professor não é leitor e não tem interesse pela leitura, esse, certamente, será um difícil desafio a ser superado.

Não é tarefa fácil despertar o interesse pela leitura em adultos. Uma estratégia que pode ser eficaz para despertar seu interesse passa pelo resgate sobre a importância que a leitura teve em sua formação e em sua vida. Mesmo que não tenha feito essa reflexão antes, certamente conseguirá identificar que os seus conhecimentos foram e continuam sendo, em grande parte, acessados por meio da leitura, em qualquer suporte (papel ou digital).

Esse resgate terá mais força se acontecer na medida em que reflete sobre a importância do seu papel na formação de leitores e sobre a importância da leitura na aprendizagem, na formação de seus alunos e no desenvolvimento social e humano de uma sociedade**.** Tal "reencontro" precisa também buscar em sua memória afetiva emoções que sentiu lendo literatura Quais livros ficaram em sua memória e por que, talvez revelem ou tragam de volta o encontro com o encantamento com a ficção.

A escolha de temas, autores e livros, para indicar aos seus alunos, também pode ser uma descoberta se realizada em colaboração e em compartilhamento das experiências. A mediação

desses encontros por alguém (bibliotecário, autor, educador, professor de literatura de universidade local, etc), que ame ler e que tenha um bom repertório de leitura a apresentar, pode ajudar muito nesse despertar.

Encontros, redes sociais, blogs, rodas de leitura– todas as estratégias devem ser usadas para que os professores possam ser mobilizados e relatem suas experiências pessoais de leitura e de conquistas na promoção da leitura com seus alunos. São estratégias simples e não diferem das estratégias de formação dos alunos.

É fundamental que órgãos estaduais e municipais de educação e as redes de ensino sejam sensibilizados para a importância dessas estratégias voltadas a esse "resgate" do professor. Sem dúvida, a iniciativa pode ser do professor e há inúmeras experiências bem sucedidas de professores que mobilizaram, primeiro, seus alunos, mas acabaram envolvendo toda a escola. Receberam prêmios, como o Premio Professores do Brasil, e, outros, por que fizeram a diferença. Mas, se a diretoria da escola; a rede de ensino; e, quiçá, os órgãos municipais da educação estiverem mobilizados para a importância de se contar com professores leitores para mudar a realidade da leitura e da educação no município, certamente essas estratégias serão muito mais efetivas no sentido de criar as condições para que aconteçam e criar programas voltados à promoção da leitura e à formação desse professor leitor.

Contar com a ajuda de universidades locais que possam oferecer espaços de discussão e cursos de especialização ou formação continuada também será uma estratégia exitosa, se viável. Esse intercâmbio certamente será muito importante para o professor e, também, para que a universidade avalie seus programas.



**E os alunos? Como despertar o interesse desses jovens pela literatura? Qual pratica leitora pode dar certo no ambiente escolar?**

A pesquisa *Retratos da Leitura* (2011)[2] nos revela que a

[2]Segundo a Pesquisa (2011), os adolescentes na faixa de 11 a 17 anos, representados na amostra de entrevistados, corresponderam a 24.3 milhões de jovens (segundo o PNAD (2009) - eram 24 milhões os jovens nessa faixa etária), apresentaram o seguinte perfil leitor:
17.8 milhões leram algum livro no período de três meses anteriores a pesquisa. Destes:
8.8 milhões leram um livro inteiro e 9.0 milhões leram partes de um livro.
13.0 milhões (80%) leram livros indicados pela escola.
4.8 milhões leram livros de literatura, espontaneamente.
6.5 milhões não leram nenhum livro.

grande maioria desses adolescentes - 67%, entre 11 e 13 anos, e, 79% entre 14 e 17 anos - prefere outras atividades ou não tem interesse ou tempo para a leitura (quadro abaixo). Despertá-los para a literatura, também, não será tarefa fácil.

| Por que não lê? | 11 a 13 anos | 14 a 17 anos |
|---|---|---|
| Não tem interesse: | 21% | 26% |
| Prefere outras atividades: | 17% | 13% |
| Não tem paciência: | 11% | 13% |
| Não tem tempo: | 18% | 27% |
| O que lê? | | |
| Revista | 48% | 49% |
| Gibi | 54% | 36% |
| Livro de literatura (escola) | 23% | 24% |
| Livro (em geral) | 25% | 28% |
| Texto internet | 18% | 26% |
| Livro Digital | 2% | 2% |

Figura 2- Preferências leitoras entre adolescentes
Fonte: pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012)



A dificuldade visualizada no quadro acima se amplia frente à atração que as redes sociais e os games exercem sobre esses jovens, "roubando" todo o tempo que teriam para uma leitura que não seja obrigatória. O professor, mesmo sendo leitor, terá que ser bastante criativo ao escolher livros e propor praticas leitoras mobilizadoras.

Tendemos a repetir ou buscar nas nossas experiências o que poderia mobilizar os jovens. Mas, será que o que emociona o jovem de hoje não é diferente do que emocionava o jovem de dez ou vinte anos atrás**?** Conhecer como ele lida com seus sentimentos e relações e o que move seus interesses pode dar muitas pistas sobre o que pode mobilizá-lo.

Será fundamental refletir sobre o que poderia concorrer com o interesse que esses adolescentes sentem pelas redes sociais. Talvez, nas filas de jovens, nas bienais de São Paulo (2014) e Rio (2015), interessados em autógrafos de autores que se transformaram em fenômenos da literatura juvenil, seja possível encontrar algumas respostas. Já, há mais de uma década, jovens enfrentam

filas para seguir os autores de sagas e histórias de vampiros.

Esse interesse revela uma atração pela magia de uma história fantástica que lhes permite viajar por cenários, revelações, mistérios ou emoções com as quais se identifica, ou, que lhes permite fugir ou sublimar a realidade que vivem. Mas, há outros interesses revelados pelos livros mais vendidos para esses leitores, conforme revelam pesquisas de mercado (SNEL/Nielsen ). Muitos desses leitores jovens sentem-se atraídos por histórias com as quais se identificam ou que trazem significado para suas vidas. Certamente, o jovem que engrossa essas filas teve uma trajetória e contato com o livro, diferenciados da grande maioria dos jovens brasileiros.



Enfim, o desafio para descobrir como e qual interesse deve ser despertado para atrair esses jovens para a literatura é complexo, pois, além de a leitura concorrer com o tempo nas redes sociais, os interesses são diversos e mudam dependendo do gênero, origem social e familiar, local onde vivem (comunidades, zona rural, periferias, grandes metrópoles etc), e, das novas ondas.

Ana Maria Machado, reconhecida autora de livros infanto-juvenis, estudiosa do assunto e membro da Academia Brasileira de Letras, nos deu uma boa pista sobre as emoções que a literatura desperta, em seu artigo para o livro *Retratos da Leitura 3*:

> Enquanto lemos uma narrativa de ficção, por exemplo, deixamos de ser apenas nós mesmos e somos também aquele personagem sobre o qual estamos lendo – imerso em seu cenário diverso, numa outra sociedade, em circunstâncias diferentes da nossa, vivenciando experiências pelas quais não passamos, muitas vezes em um tempo que não é o que vivemos. E ao nos colocarmos dessa maneira íntima e profunda numa vida que não é a nossa, desenvolvemos nossa capacidade de vestir a pele do outro, de entender quem não somos, mas quem tem tanto em comum conosco. Por dentro, participando de pensamentos ocultos, sonhos adivinhados, medos escondidos, anseios inconfessados e tanta coisa mais. (MACHADO, 2012, p. 59).

Gostar de literatura, segundo muitos especialistas, demanda apreciar a *literatura como arte,* uma literatura capaz de despertar emoções, inquietações, respostas, desejos, indignação; onde o autor "pinta" uma ficção. A meu ver, esse despertar pode ser

autônomo. Há muitos relatos de leitores que tiveram a sorte ou a oportunidade de ter um livro nas mãos que lhes despertou o interesse de ser lido e o gosto pela leitura. Mas, em um cenário onde a leitura de textos sofre a concorrência de tantos outros estímulos, a formação de um leitor pede um **mediador**. E, não basta ser um bom leitor para despertar o interesse pela leitura, esse professor/mediador deverá ser um apaixonado pela leitura e pelos jovens. Essa mediação exige uma quase doação e certo fascínio em entender o que esse jovem pensa, gosta e sente. Escolher o livro certo e fazer o *marketing* da história e da personagem talvez seja a "receita" para se conquistar um jovem leitor para a literatura.



Mais uma vez recorro ao que disse Ana Maria Machado, em seu artigo, com dicas sobre como conquistar um leitor:

> Fui proprietária e gerenciei uma livraria infantil por dezoito anos. Durante esse tempo, nunca encontrei uma criança ou jovem que não gostasse de ler um bom texto, se a sua aproximação com a literatura se fizesse como deve ser. Encontrei muitos que achavam que não gostavam. Mas depois descobriam que não gostavam daquele tipo de leitura que lhes estava sendo imposta. É preciso poder escolher. E ter variedade para escolher. Depois de rejeitado o primeiro livro, o segundo, quantos forem necessários, virá um que traga uma descoberta. Por isso costumo dizer que ler é como namorar. Quem acha que não gosta é porque está com um parceiro que não lhe dá prazer. Trate de trocar. (MACHADO, 2012, p. 60).

**Mas ... qual leitura pode despertar o prazer de ler e formar leitores para sempre/.**

Muitos especialistas defendem que somente a leitura de canônicos ou de uma leitura "arte" consegue despertar o interesse genuíno e reconhecer uma literatura de qualidade. Para eles o interesse por obras da nova "onda" juvenil, não desperta no leitor a emoção de uma literatura enquanto arte. Esses jovens leitores dessas ondas, segundo esses especialistas, não se transformam em leitores para sempre.

Outros estudiosos sobre esse assunto defendem que qualquer leitura, mesmo a de entretenimento ligeiro pode, se bem trabalhada, desenvolver o habito, o gosto e a capacidade de critica e de reconhecimento sobre uma narrativa e construção literária

de qualidade. Certamente, a repetição e o hábito de ler e uma boa mediação, possibilitam descobrir o prazer estético e emocional que um livro pode lhe trazer. Uma literatura que fica na memória como o sabor de um momento inesquecível tem grande poder de sedução. Guardamos na memória aquele livro que desperta uma emoção que fica implícita como uma experiência prazerosa e reveladora. Certamente fica o gostinho de "quero mais".

Endossaria a tese da iniciação pelos canônicos e pela literatura arte há quinze ou vinte anos atrás, mas, hoje, no atual cenário, acredito que seja uma orientação elitista e que pressupõem uma "iniciação" em família leitora ou em escolas diferenciadas. Frente aos enormes desafios que temos para conquistar esses jovens é urgente buscar formar de aproximá-los, primeiro, do livro e da leitura de qualquer texto e narrativa.



Uma mediação bem sucedida, nesse cenário, começa pela mobilização. O professor pode usar seu repertório de experiências para desvendar como conquistar o interesse desses jovens. Talvez ajude a descobrir como mobilizar para a leitura de um livro, refletir sobre como conquistar o interesse de alguém sobre qualquer coisa, como: ir a uma exposição de arte; um show; uma festa; uma viagem; uma comida... É preciso destacar o que ela tem de especial, e, antecipar o que esse alguém poderá sentir: se vai gostar e por que.

As respostas sobre como procuro mobilizar alguém para qualquer coisa, talvez me orientem sobre como despertar o interesse de meus alunos para a leitura de um livro. A escolha do livro que vou indicar para alguém ler, em especial, um aluno meu, também deveria se orientar pelo significado e interesse que devem ser despertados.

Contudo, é difícil seduzir ou mobilizar alguém para algo que eu mesmo não acredito ou gosto. É preciso gostar de ler para poder ensinar a gostar de ler, mas, é possível despertar o gosto pela literatura e pela formação de alunos leitores ao mediar ou promover práticas leitoras lúdicas, desafiadoras e que tragam significados, conhecimento e descobertas para esses alunos, e, também, para o professor.

**O direito à literatura.**

Para os 20 milhões que, segundo a Retratos da Leitura, ainda não descobriram se gostam de ler, é preciso que lhes seja garantido o direito de experimentar. Esses jovens estão sofrendo uma exclusão perversa: eles não sabem se gostam de ler literatura porque não foram lhes foi oferecido esse cardápio.

Além de espaços e acesso aos livros é fundamental que lhes sejam proporcionadas práticas leitoras cativantes e mediadas. Que encontrem professores e bibliotecários leitores, valorizados, capacitados e que gostem de ler literatura e de conquistar leitores, para que esses jovens brasileiros exerçam seu direito de serem despertados pelo prazer de ler.



A garantia desses direitos é fundamental para melhorarmos os indicadores e para transformarmos o Brasil em um país de leitores e cidadãos plenos**. "**Assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade. [...]" (CANDIDO, s .d, p. 175)

**REFERÊNCIAS**

CHARÃO, C. Formação do professor leitor é o primeiro desafio de políticas de incentivo à leitura nas escolas -*Revista Escola Pública* – Nov./14 - São Paulo, SP .

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In:* _____. *Vários Escritos.* São Paulo:Duas Cidades, s/data. Disponível em*:* < *www.iba.com.br/livro*>

FAILLA, Z. (Org.) *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Est. SP, 2012.

LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro.* São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LOPES, N. Problemas no ensino de literatura já duram quatro décadas**.** In: *Agência FAPESP*, São Paulo, 21/01/2014. Disponível em: <gencia.fapesp.br/problemas_no_ensino_de_literatura_ja_duram_quatro_decadas/18499/>

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: FAILLA, Z. (Org.) *Retratos da Leitura no Brasil 3*- São Paulo: Imprensa Oficial do Est. SP, 2012.

OLIVEIRA, G. R. de. *O Professor de Português e a literatura.* São Paulo: Alameda Editorial, 2014.

QUEIRÓS, C.B. A Literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo (entrevista) – *Gazeta do Povo* Curitiba, Julho/2011. Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/bartolomeu-campos-de-queiros,>



PRADES, D.; LEITE, P.P. (Org.) - *Crianças e jovens no século* XXI – leitores e leituras . São Paulo: LM -Livros da Matriz, 2012.

SERRA, E. D' A. (Org.) *A literatura e os jovens.* Rio de Janeiro: FNLIJ- 2013.